O território dos portugueses que fazem arquitectura social "é o mundo inteiro"

Arquitectura
Joana Amaral Cardoso

Exposição de 33 projectos no Garagem Sul do CCB quer lançar novo tema na conversa sobre a emigração destes profissionais

Quando pensamos em arquitectos portugueses a trabalhar no estrangeiro, a mente viaja com eles num de dois caminhos – o das estrelas e seus trabalhos de grande projecção, pontas-de-lança do sonho da internacionalização da arquitectura portuguesa, e o dos profissionais que emigram em busca de trabalho. Mas na Garagem Sul do Centro Cultural de Belém (CCB), em Lisboa, há um caminho que é *Tanto Mar* que desagua numa terceira via, a da arquitectura social.

A nova exposição mostra a partir de amanhã e até 20 de Julho 33 projectos de diferentes gerações de arquitectos – são os *Portugueses Fora de Portugal* do subtítulo da mostra, que trabalham em nome próprio ou em *ateliers* de várias dimensões e que se agruparam de forma orgânica. Tudo começou, explicou um dos comissários de *Tanto Mar*, Tiago Mota Saraiva, do Ateliermob, por "questões pessoais". Há três anos, chegavam tantas notícias de arquitectos "forçados a emigrar", como se lê na folha de sala da mostra, que a equipa sentiu necessidade de reflectir sobre o tema. O mais recente inquérito à profissão, de 2013, confirma que 4,4% dos arquitectos portugueses emigraram, sobretudo para países da União Europeia (51,4%) e para os PALOP (18,9%), e o levantamento do Conselho dos Arquitectos da Europa dizia que, em 2012, Portugal é o terceiro país da Europa a 25 que tem mais arquitectos a trabalhar no estrangeiro.

Mas o Ateliermob não queria investigar a dimensão e o perfil da emigração da arquitectura portuguesa, porque não queria falar de arquitectos, mas de arquitectura – muito no espírito da próxima Bienal de Veneza, cujo director, Rem Koolhaas, tem reiterado ser "sobre arquitectura e não sobre arquitectos". A plataforma multidisciplinar respondeu à *open call* lançada pelo CCB em 2012 para novos projectos, conseguiu 25 mil euros de apoio da Direcção-Geral das Artes, e em 2014 reflecte já sobre outra coisa.

"No início, era uma ideia muito em torno dos arquitectos que emigraram", mas acabou com o objectivo de "produzir conhecimento que possa ser útil cá", diz Tiago Mota Saraiva. Trata-se de "divulgar o trabalho de portugueses fora de Portugal, as suas metodologias de trabalho e de processos", como disse aos jornalistas Dalila Rodrigues, administradora do CCB, mas também de "inverter a percepção da internacionalização", mostrando ideias, possibilidades e necessidades no campo da arquitectura social e inspirar Portugal – e, em última análise, diz Tiago Mota Saraiva, tentar que alguns destes arquitectos "fiquem com um pé cá". Muitos deles só se vão conhecer entre si, e aos comissários, amanhã à noite na inauguração.

A exposição é uma série de módulos azul-mar, numerados e igualitários. Como cabinas de voto, no seu interior produz-se uma visão da arquitectura portuguesa no estrangeiro que tem *Tanto Mar* quanto a música de Chico Buarque que a inspira – e que é uma espécie de conversa sobre Abril e a liberdade entre portugueses, um no Brasil, outro na terra-mãe. O azul do mar chegou de forma orgânica aos comissários do Ateliermob – além de Mota Saraiva, são eles Andreia Salavessa, Carine Pimenta, Guida Marques, Mariana Simões, João Almeida e Inês Afonso. Após um apelo aos arquitectos, chegaram dezenas de projectos ao *site* do Ateliermob, que encontrou "um tronco comum" a muitos deles, o da arquitectura social – que assenta em projectos participativos, vindos das comunidades ou intervencionados por arquitectos, mas também de origem institucional, que visam impactar os contextos sociais em que se implantam.

Contra o estigma

O Ateliermob seleccionou os projectos do século XXI, concretizados ou em vias disso, que estão agrupados em cinco grandes temas, da arquitectura Informal à Formal, passando pelo Urbano e pelos contextos mais expectáveis da arquitectura social – a de Emergência, em cenários de catástrofe natural ou guerra, e a de Escassez, quando os meios são reduzidos. E neles encontrou "uma litoralização", espelhada no mapa que encima a exposição e que tem muito a ver com a concentração urbana junto ao mar, também ela a pedir azul-marinho, assinala Mota Saraiva.

Cada um dos temas é apoiado por vídeos e neles cabem escolas secundárias em Angola (Cristina Salvador e Fernando Bagulho), a inventariação das roças em São Tomé (Duarte Pape e Rodrigo Rebelo de Andrade), museus (José Castro Caldas) e trabalhos em favelas do Brasil (Filipe Balestra, João Amaral, Manuela Tamborino e Miguel Saraiva, entre outros), centros comunitários na Indonésia (João Bentes) ou mercados de rua em Londres (Mariana Pestana), além de projectos na Somália, Quénia ou Namíbia. Variedade, porque há que contrariar o "estigma" de que a arquitectura social, uma das grandes questões do momento da profissão – e, como assinala Tiago Mota Saraiva, tema premiado com os Leões de Ouro das últimas duas edições da Bienal de Veneza – "é algo que se faz em África ou na América do Sul". Aqui, o "território é o mundo inteiro".

E o que a equipa quer frisar é a ideia de partilha, que constará do *site* que continuará a coligir projectos deste género durante a exposição, e que Carine Pimenta resume: "O mais importante é poder ver este tipo de trabalho a ser feito cá e aprender com alguns processos feitos lá fora". "Cá cada vez mais é necessário esse tipo de trabalho", completa Andreia Salavessa, com Guida Marques a exemplificar que "em Portugal as pessoas perderam o sentido do que é o espaço público e há coisas tão mínimas nestes projectos que conseguem melhorar o espírito de uma comunidade de uma forma incrível. O espaço é público, mas passa a ser delas".

DANIEL ROCHA

A exposição conta ainda com vídeos e excertos das conversas entre os comissários e participantes

Primeiros nomes para a festa do fado Caixa Alfama

Música
Mário Lopes

Ricardo Ribeiro, Carminho, Pedro Moutinho, Katia Guerreiro e Sara Correia entre os 40 fadistas que actuam em Setembro

A 19 e 20 de Setembro, o fado encherá novamente todos os recantos de Alfama. A canção lisboeta já marca o viver do bairro, mas enquanto celebração em forma de festival que enche igrejas, largos ou associações, estreou-se o ano passado com dez mil pessoas no Caixa Alfama. Este ano, ali ouviremos Carminho, Pedro Moutinho, Katia Guerreiro, Sara Correia, fadista de Alfama que é apresentada como grande promessa, e Ricardo Ribeiro, que repete presença mas, este ano, no palco principal do festival.

São estes os primeiros dos 40 nomes que comporão o cartaz, revelados ontem na apresentação do Caixa Alfama '14 no Museu do Fado, em Lisboa. Luís Montez, da promotora Música no Coração, adiantou que o festival contará com um tributo, não sendo por agora revelado a quem será dedicado, e com um concerto fadista de uma cantora pop, igualmente por revelar. Os restantes participantes começarão a ser confirmados nas próximas semanas.

O presidente da Câmara de Lisboa, António Costa, destacou que o festival é "uma grande forma de conhecer Alfama". Não necessariamente a dos santos populares, precisou, mas "outra Alfama", a do interior das igrejas de São Miguel e Santo Estêvão, da Sociedade Boa União, do Centro Cultural Dr. Magalhães Lima ou do Grupo Sportivo Adicense. Será nesses locais, a que se juntam, por exemplo, o Largo das Alcaçarias, o Museu do Fado e o Palco Caixa, que decorrerá o festival.

Após a apresentação, que incluiu uma actuação de Sara Correia, Ricardo Ribeiro recordou ao PÚBLICO "a sensação de partilha, com as pessoas andando de sala em sala para ver os fadistas", que viveu na primeira edição: uma "dicotomia entre o ambiente de festival, com uma certa histeria, perdoe-se a expressão, e o ambiente do fado. Quando as pessoas ouvem, ouvem em silêncio". Aquilo que o Caixa Alfama tem de mais valioso, considera, reside em "ajudar a chamar gente que não segue [o fado] tão de perto".